

digital

PROMOÇÃO DO SUCESSO EDUCATIVO

ESTRATEGIAS DE INCLUSÃO,
INOVAÇÃO E MELHORIA

CRISTINA PALMEIRÃO · JOSÉ MATTIAS ALVES

(coordenação)



*PROMOÇÃO DO SUCESSO EDUCATIVO: estratégias de Inclusão, Inovação e
Melhoria –Conhecimento, formação e ação*
CRISTINA PALMEIRÃO E JOSÉ MATIAS ALVES [COORDENAÇÃO]

© Universidade Católica Editora . Porto
Rua Diogo Botelho, 1327 | 4169-005 Porto | Portugal
+ 351 22 6196200 | uce@porto.ucp.pt
www.porto.ucp.pt | www.uceditora.ucp.pt

Coleção · e-book
Coordenação gráfica da coleção · Olinda Martins
Capa · Olinda Martins
Revisão de texto · Cristina Palmeirão

Data da edição · novembro de 2016
Tipografia da capa · Prelo Slab / Prelo
ISBN · 978-989-8835-13-0

<i>Introdução</i>	· 04 ·
<i>Sucesso Escolar: Horizontes de Possibilidades</i> José Matias Alves e Cristina Palmeirão	
<i>Inclusão, Inovação e Bem-Estar: a experiência das comunidades escolares de aprendizagem Gulbenkian XXI</i>	· 09 ·
José Lopes Cortes Verdasca	
<i>O labirinto escolar: ensaio de resgate</i>	· 40 ·
Ilidia Cabral e José Matias Alves	
<i>Mudança Organizativa e desenvolvimento profissional</i>	· 65 ·
Joaquim Machado	
<i>Assessoria: uma porta aberta para a diferenciação e para a criatividade pedagógica</i>	· 74 ·
Pedro Teixeira	
<i>Tutoria escolar: um caso em estudo</i>	· 86 ·
Manuela Miranda, Cristina Palmeirão, Bibiana Monteiro	
<i>Disciplina, Excelência e mais além - A Escola como motor de humanização e desenvolvimento</i>	· 101 ·
Fátima Braga, João Furtado, Asdrúbal Santos, Maria Rosa Quinta e Costa, Manuela Ferreira, Graça Monteiro McDade e Miguel Durães	
<i>(In)disciplina na escola:</i>	
<i>Para uma prática integrada e sustentada de intervenção</i>	· 119 ·
Marisa Carvalho, Victor Rosário, Paula Alão, Mário Cerqueira, Marta Martins e Joaquim Magalhães	
<i>Um projeto de supervisão pedagógica como aprendizagem organizacional num agrupamento de escolas TEIP</i>	· 144 ·
José Maria de Almeida	
<i>Educar em parceria: O envolvimento da comunidade na vida da escola</i>	· 167 ·
Cristina Ferreira da Silva, Vasco Dias Rocha, Márcia Cristina Silva e Manuel Costa	

Introdução

SUCESSO ESCOLAR: HORIZONTES DE POSSIBILIDADES

José Matias Alves & Cristina Palmeirão

Mais uma vez, convocamos e celebramos o conhecimento que liberta e inclui. No âmbito do programa de apoio ao desenvolvimento dos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP), a Católica Porto, através da sua Faculdade de Educação e Psicologia e do Serviço de Apoio à Melhoria da Educação (SAME) realiza mais um seminário e edita este livro que reúne um conjunto de evidências que afirmam (e demonstram) que há um horizonte de possibilidades de sucesso.

Logo no primeiro texto, torna-se claro que o sucesso é possível para todos. Que não estamos condenados à reprodução e ao fatalismo pessoal e social. Que há políticas, dispositivos, vontades, saberes e poderes organizacionais que mostram ser possível outra escola, outros processos e outros resultados educativos.

Uma das primeiras condições desta possibilidade é querer ver, saber ver. Como dizia Alberto Caeiro, esse sábio heterónimo de Fernando Pessoa:

O essencial é saber ver,
(...)
Mas isso (triste de nós que trazemos a alma vestida!),
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender.

Saber ver que a reprovação anual é uma medida administrativa que nos desresponsabiliza e menoriza, havendo diversas evidências empíricas que mostram que não resolve o problema da *não aprendizagem*. Saber ver que a função primeira da escola (e dos profissionais da educação) é promover e capacitar todos os seres humanos nas suas múltiplas dimensões (cognitivas, afetivas, relacionais, psicomotoras) e não selecionar, classificar e excluir. Saber ver que o professor, sozinho, pouco consegue, esmagado que está por múltiplas teias administrativas e burocráticas, mas também ideológicas. E por

isso, tem de *desaprender* o modo de exercer o seu *ofício*. Passar de uma lógica burocrática da subordinação e da obediência e uma lógica da liberdade, da autonomia e da autoria. Porque só assim será um profissional e será reconhecido como uma *autoridade*. Passar da solidão ontológica a uma via de colaboração que nos estimula e conforta, na condição de nos conhecermos, prezarmos e respeitarmos. Mas esta disposição só tem condições de existência se nos encontrarmos para um trabalho comum que construa a confiança mútua capaz de fundar uma pedagogia da colaboração e da compaixão.

Desta possibilidade, temos na Católica uma experiência que prossegue, sem alarde nem *triumfos* em várias escolas. Referimo-nos ao projeto COPA – *Colaborar para aprender* que faz da supervisão de aulas entre pares uma via fundamental do desenvolvimento profissional. Várias centenas de professores prosseguem este trabalho de conhecimento e reconhecimento e testemunham que esta interação nos faz descobrir outros modos de sermos professores e nos faz evoluir para um outro paradigma profissional muito mais promissor em termos de possibilidade de transformação das práticas pedagógicas.

Mas este saber ver (individual) exige também um conhecimento organizacional. É preciso mudar os modos do fazer organizacional como mostram diversos textos aqui oferecidos ao leitor. De facto, nós temos de ousar *mudar a fôrma escolar, a gramática escolar*, isto é, os modos de gerir o currículo, de agrupar os alunos, de organizar os espaços e os tempos de ensino e aprendizagem e as formas de alocar os professores aos alunos. Pois não é mais possível manter a ideia *fabril* de escola, não é mais possível perpetuar a *cadeia de montagem*, não é mais possível *ensinar a todos como se todos fossem um só*. E esta é uma rutura fundamental. Diversas escolas têm vindo a ensaiar práticas de resgate deste labirinto. Nós próprios, na Católica Porto, temos vindo a ensaiar a prática de um Modelo Integrado de Promoção do Sucesso Escolar – MIPSE, que procura parcialmente superar a anquilose de um modelo. Esta experiência piloto abre oportunidades singulares para o desenvolvimento profissional dos educadores e dos professores e eleva as possibilidades de todos os alunos aprenderem mais. Porque os profissionais trabalham em equipa e podem gerir parte do tempo curricular em função das necessidades e talentos dos seus alunos, assumindo-se, deste modo, como co-autores do currículo; porque os alunos se reagrupam em função das suas singularidades; porque a escola, enfim, se liberta parcialmente do jugo da padronização e da uniformidade.

Como vimos sustentando, as mudanças positivas são possíveis. Se houver lideranças inconformadas que não se resignam à manutenção do *statu quo*. E que liderem pelo exemplo, pela ousadia, pelo desafio, pela humildade, pelo serviço aos outros. Se houver professores que progressivamente saibam que a sua função não é *dar a matéria, cumprir o programa* mas sim fazer com que, numa lógica colaborativa e organizacional, todos aprendam o máximo possível, elevando, deste modo, as possibilidades de sucesso, mesmo no cenário da avaliação externa. Se houver climas de escola amigáveis e securizantes e se as pessoas sentirem que a escola é um *lugar* de humanidade, de liberdade e de crescimento, sendo isto válido para professores, alunos e funcionários. Contra todas as ameaças (de exclusão, de esgotamento, de humilhação de desânimo, de desconsideração), a escola tem de se redescobrir como espaço e tempo de convivialidade, de conhecimento, de *gaudim et laetitia* [esperança e alegria].

Gaudium et Laetitia. Porque neste tempo turbulento da incerteza, de conflitos em larga escala, de triunfo dos fundamentalismos de diferentes cores e feitios, de caos, de ameaça de uma *guerra civil* de todos contra todos, a escola tem de saber constituir-se como um último reduto da esperança. E tem de contribuir para tecer, no território onde existe e onde se legitima, os laços que fazem da ação social e educativa uma dinâmica mais integrada e mais articulada. E também por isso, a escola tem de saber inscrever a sua ação no território e humildemente aceitar agir como um *nó de uma rede*. Parece-nos que esta é uma condição da sua afirmação e reconhecimento local e que pode ser um fator essencial para revitalizar projetos de envolvimento, participação e co-responsabilidade na construção dos presentes-futuros.

Neste contexto desafiante, esta publicação mostra-nos ainda que não podemos ficar presos ao *velho quadro negro*. Como dizia António Nóvoa, o quadro negro foi a maior invenção pedagógica do século XX. O quadro negro instituiu e reforçou uma pedagogia coletiva (dirigida à turma), fundada na exposição e na transmissão, na hierarquia (do professor para os alunos), na uniformidade. O quadro negro era vazio, fixo, coletivista e hierárquico. Mas, hoje, o mundo mudou. Os quadros que trazemos no bolso (*smartphones, os tablets*) são objetos cheios de milhões de informações, móveis, individuais e permitam uma gestão individual e horizontal. É certo, como também referiu Nóvoa, que a tecnologia, por si só, não resolve qualquer problema. Mas os alunos

nasceram e vivem num outro contexto tecnológico que a escola não pode ignorar. O caminho possível é o da coexistência dos diversos recursos disponíveis, retirando deles o máximo proveito possível, como também se mostra no texto do José Verdasca, ao sustentar a importância de gerar

oportunidades de aprender de forma mais livre e responsável, de mobilizar outras fontes de conhecimento, outros atores, outros recursos, outros espaços e contactar com outros contextos, [sendo desejável] a utilização de tablets, software educativo e robots em coexistência com os manuais escolares e materiais educativos.

Num programa global que quer fazer aprender mais, é incontornável convocar as diversas inteligências, com destaque para a inteligência emocional, ou simplesmente ter em conta as emoções e os sentimentos das pessoas. Como referia, há alguns anos, Miguel Santos Guerra, a escola está sempre a perguntar aos alunos *o que sabes sobre isto e aquilo*, mas nunca lhe pergunta (nem se preocupa) como te sentes. Que dor é essa, que sofrimento engoles, que tristeza te turva o olhar e te faz desaparecer da cena escolar. E sem este *cuidado, sem esta atenção, sem esta escuta* há muitas aprendizagens que se perdem, pois ninguém aprende numa lógica de sofrimento. Os professores sabem muito bem a centralidade de uma *pedagogia do afeto* que tendemos a erradicar no contexto de uma *performatividade* excessivamente preocupada com os resultados dos exames e dos *rankings*. Trazer as pessoas e as aprendizagens para o centro dos processos de escolarização tem de significar uma redobrada atenção a esta realidade muitas vezes ignorada. Como referiu Philippe Meirieu

Amo a razão. Considero que a razão é um meio de aumentar a distância em relação à realidade, um instrumento crítico absolutamente necessário e essencial. No entanto, a razão não garante a fuga à barbárie. A garantia contra a barbárie é a compaixão.

E, de forma ainda mais incisiva, Rubem Alves:

Eu proponho, portanto, que o homem seja definido como uma nova espécie: o *homo compassivus*. Àqueles a quem falta a

compaixão falta também a qualidade de humanidade. Não são meus irmãos.

Ou ainda, Miguel Santos Guerra:

Tal como relata Habermas, pouco antes do octogésimo aniversário de Marcuse, os dois interrogavam-se sobre como explicar a base normativa da teoria crítica. Marcuse só deu a resposta dois dias antes da sua morte: «Vês? - disse a Habermas - agora sei em que é que se fundamentam os nossos juízos mais elementares: na compaixão, no nosso sentimento pela dor dos outros». Para os teóricos da escola de Frankfurt, a piedade e a compaixão constituíram a arma da crítica. As profundas marcas que neles tinham deixado os mártires dos campos de concentração tornavam-nos especialmente sensíveis à injustiça e à dor.

E é porque não podemos ficar indiferentes à injustiça e à dor que organizamos e publicamos este livro. Com o agradecimento a todos os autores que o tornaram possível e fazendo votos para os leitores se deixem tocar (e aquecer) por algumas das suas *luzes*.